



A SUSTENTABILIDADE SOB O VIÉS DAS EMPRESAS: da necessidade real de implementação à oportunidade de negócios no mundo do trabalho.

MARIA HELENA CAVALCANTI DA SILVA E ANA ROSA CAVALCANTI DA SILVA

Introdução

Nem as mais otimistas previsões no mundo dos negócios poderiam imaginar o grau de importância dada por algumas empresas aos impactos sócio-econômicos e ambientais que seus negócios poderiam gerar. Assim, finalizamos o século XX e iniciamos o XXI com o pensamento empresarial voltado para as questões da sustentabilidade. Em uma escala evolutiva, podemos apontar pelo menos três estágios que as companhias brasileiras atravessaram e atravessam no que tange o impacto de suas ações no mercado empresarial: hoje, encontramos-nos na fase em que as questões ambientais dão a tônica no mundo dos negócios; em que a sustentabilidade não é algo marginalizado como outrora e sim uma possibilidade real de negócios. Em um primeiro momento, as empresas brasileiras foram tomadas pela filantropia.

A ênfase nos investimentos sociais, doações, assistencialismo e voluntariado foi e ainda é bastante presente nas organizações. O incentivo dado pelas empresas para que seus colaboradores atuassem como voluntários em projetos sociais serviu e ainda serve como estratégia de marketing.

Em seguida, e como próximo estágio ou “era de boas práticas”, a ética e a preocupação com os envolvidos nos negócios, os chamados *stakeholders*¹ passaram a fazer parte do mundo empresarial (não que antes não existissem), porém a ênfase dada aos aspectos sociais estão mais visíveis. Hoje, século XXI, a palavra sustentabilidade serve como norte para as organizações. Estampando capas de livro, revistas e jornais, as questões ambientais

¹ *Stakeholder* em uma organização é, por definição, qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pela realização dos objetivos dessa empresa (Freeman, 1984). *Stakeholder* inclui aqueles indivíduos, grupos e outras organizações que têm interesse nas ações de uma empresa e que têm habilidade para influenciá-la (Savage, Nix, Whitehead, & Blair, 1991). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552009000500004&script=sci_arttext. Acesso em 02 jan. 2010.



têm peso na pauta de decisões das empresas. Atrelada à sustentabilidade, o desenvolvimento. Mas qual o porquê deste “boom” relacionado à sustentabilidade? O que aconteceu para que o meio ambiente passasse a ter condição de figurar nas decisões das organizações? Para Ricardo Young, presidente do Instituto Ethos “[...] a última década foi um período de transição quase revolucionária para a responsabilidade socioambiental” (GUIA EXAME, 2009). Medidas sustentáveis por mais simples que pareçam e por mais que gerem custos em um primeiro momento trazem retorno às organizações. Retorno este oriundo principalmente dos consumidores que passam a destacar o comportamento mais responsável da empresa. Relacionando-se às mudanças do tipo – sustentáveis – , a inclusão dos preceitos da sustentabilidade e da ecoeficiência² se fazem presentes nas iniciativas das grandes corporações. As reviravoltas na economia, na sociedade e na política colocam o homem frente a uma nova realidade: para as empresas, as práticas sustentáveis trazem visibilidade às organizações, e conquistam os consumidores. “Tão importante quanto desenvolver estratégias sustentáveis tem sido encontrar maneiras de padronizá-las” (GUIA EXAME, 2009).

Referencial Teórico

Os indicadores econômicos de 1950 a 2000 revelam um progresso extraordinário, digno de reconhecimento pelo vigor e pujança. Nesses cinquenta anos, a economia global aumentou sete vezes, o comércio internacional cresceu mais rapidamente ainda, como o índice Dow Jones, indicador largamente utilizado para as ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova York, subindo de 3.000, em 1990, para 11.000, em 2000, segundo BROWN (2003, p.7). O desempenho das finanças mundiais daqueles últimos anos do século passado preconizava um movimento de otimismo para o que vivemos hoje. De acordo com BROWN:

As políticas econômicas que geraram o crescimento extraordinário da economia mundial são as mesmas que estão destruindo seus sistemas de apoio. Por qualquer medida ecológica que se possa conceber, são políticas fracassadas. Um manejo inadequado está destruindo florestas, pradarias, pesqueiros e terras agrícolas, os quatro ecossistemas que fornecem nosso alimento e, com exceção dos minerais, toda

² A ecoeficiência é alcançada mediante o fornecimento de bens e serviços a preços competitivos que satisfaçam as necessidades humanas e tragam qualidade de vida, ao mesmo tempo em que reduz progressivamente o impacto ambiental e o consumo de recursos ao longo do ciclo de vida, a um nível, no mínimo, equivalente à capacidade de sustentação estimada da Terra (conceito elaborado pelo World Business Council for Sustainable Development – WBCSD, em 1992). Disponível em: <http://www.cebds.org.br/cebds/eco-rbe-ecoefficiencia.asp>. Acesso em 05 jan.2010.



nossa matéria-prima também. Embora muitos de nós vivamos numa sociedade urbana de alta tecnologia, dependemos dos sistemas naturais da Terra da mesma forma que nossos ancestrais caçadores-catadores dependiam. (BROWN, 2003,p.8)

De acordo com o Relatório Brundtland, citado por Ribeiro (1992, p. 21), "já não tem sentido opor meio ambiente e desenvolvimento, pois o primeiro é simplesmente o resultado do segundo". Os problemas de preservação do meio ambiente estão intrinsecamente atrelados aos de desenvolvimento. Diante dessa constatação, é plausível imaginar que não será possível construir uma sociedade perdurável sem a incisiva troca de posições sobre o que é e o que não é prioridade. Tal inversão e releitura, por sua vez, carecem de ação política por parte de indivíduos e de grupos de interesse público.

La agitación económica y financiera que afecta a todo el mundo es una auténtica llamada de atención, que da la alarma sobre la necesidad de mejorar las viejas pautas de crecimiento y hacer una transición a una nueva era de desarrollo más ecológico y más limpio. (...) El mundo necesita también un "Nuevo Trato Verde" centrado en la inversión en recursos renovables de energía, infraestructura inocua para el medio ambiente y eficiencia energética. Esto no solamente creará puestos e trabajo y fomentará la recuperación sino que ayudará a hacer frente al calentamiento atmosférico. Si invertimos, incluso sólo parte de importantes recursos de estímulo económico nuevos en la economía verde, podemos convertir la crisis actual en el crecimiento sostenible del mañana. (PNUMA; Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Cartilha Tu planeta te necesita – Dia Mundial de Médio Ambiente – 2009. Disponível em <<http://www.unep.org/wed/2009/spanish/>>. Acesso em 20 jun.2009).

Na verdade, o único modelo que pode salvar a civilização é aquele que satisfaz as necessidades atuais sem prejudicar a capacidade das futuras gerações atenderem as suas próprias. Coletivamente, milhões de pequenas iniciativas acabarão originando a nova sociedade do presente, aquela que sabe que o futuro também lhe pertence. Na hipótese de as preocupações relativas a meio ambiente se integrarem às de desenvolvimento e que esse novo modelo ganhe status e escala globais, será possível satisfazer às necessidades básicas, elevar o nível da vida de todos, obter ecossistemas mais bem protegidos e gerenciados e construir um futuro mais próspero e seguro. Os limites a serem respeitados precisam ser os da natureza e não os nossos, fundamentados em tecnologia e consumo.

Metodologia

O estudo baseou-se em prioritariamente em coletas bibliográficas, a partir da consulta a autores enfatizando as temáticas da sustentabilidade, meio ambiente, economia e sociedade



com o intuito de balizar o estudo teoricamente. Por ser uma revisão da literatura já existente, a construção de tal documento parte dos pressupostos levantados pelos autores estudados de forma a apresentar uma visão dos mesmos sobre as temáticas citadas à luz da sustentabilidade.

Considerações Finais

Como defende DIEGUES (1992), para haver uma sociedade sustentável é necessário existir sustentabilidade ambiental, social e política, num fluxo de mutação e aprimoramento constantes. Há necessidade de se pensar em vários tipos de sociedades sustentáveis, ancoradas em modos particulares, históricos e culturais de relações com os vários ecossistemas existentes na biosfera e dos seres humanos entre si. Esse novo paradigma a ser desenvolvido se baseia, antes de tudo, no reconhecimento da existência de uma grande diversidade ecológica, biológica e cultural entre os povos que nem a homogeneização sociocultural imposta pelo mercado capitalista mundial, nem os processos de implantação do “socialismo real” conseguem destruir.” (p.23)

“Además, los países que hagan la transición a una sociedad baja en carbono obtendrán beneficios ambientales más que significativos; se colocarán en una posición prominente para compartir su nueva tecnología con otros. Ahora bien, nuestro planeta necesita algo más que simplemente la adopción de medidas por los gobiernos y corporaciones; nos necesita a cada uno de nosotros. Aunque las decisiones individuales puedan parecer de poca envergadura frente a las amenazas y tendencias mundiales, cuando miles de millones de personas aúnan sus fuerzas para un fin común podemos lograr algo grande”. (PNUMA; Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Cartilha Tu planeta te necesita – Dia Mundial de Médio Ambiente – 2009. Disponível em <<http://www.unep.org/wed/2009/spanish/>>. Acesso em 20 jun.2009)

Como essa responsabilidade é de todos, é preciso tomar parte no futuro, focar em desafios específicos, como, por exemplo, rever hábitos, como os de consumo, em especial o alimentar, evitando o desperdício de alimentos, visto que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, em inglês), anualmente são jogadas fora 26 milhões de toneladas de alimentos no Brasil, montante suficiente para alimentar 35 milhões dos cerca de 72 milhões de brasileiros, segundo o IBGE, em situação de insegurança alimentar (<<http://www.ecodebate.com.br/2009/01/23/volume-de-alimentos-desperdicados-no-pais-alimentaria-35-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em 14 jun.2009). Como argumenta BROWN (2003, p .25), a “construção de uma eco-economia é empolgante e



recompensadora”. Ao alcançarmos este patamar, estaremos vivendo num mundo onde a energia que ilumina nossas casas e move nossas máquinas vem de turbinas eólicas, placas solares ou moinhos de vento e não de minas de carvão; onde reciclagem é mais forte que a exploração e onde “as cidades sejam planejadas para pessoas e não para carros”. Sabemos onde precisamos chegar e temos os instrumentos para fazê-lo. O que carecemos, agora, é de determinação. A questão não é quanto irá custar para realizar essa transformação, e sim quanto pagaremos em caso de fracasso. Citando Oystein Dahle, Vice-presidente aposentado da Esso (Noruega e Mar do Norte), BROWN (2003, p 25) nos desperta para a reflexão: “O socialismo ruiu porque não permitiu que os preços falassem a verdade econômica. O Capitalismo poderá ruir porque não permite que os preços falem a verdade ecológica”.

Referências

BROWN, Lester R. **Por uma sociedade viável**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 400-426. 1983.

BROWN, L.R.; FLAVIN, C.; POSTEL, S. O Planejamento de uma sociedade sustentável. IN: BROWN, L.R. (Organizador). **Salve o planeta!** Qualidade de vida – 1990. São Paulo: Globo, 1990. p. 217-238.

BROWN, Lester R. **Eco-Economia: construindo uma economia para a terra**. Salvador: UMA. 2003. 368 p.

GUIA EXAME DE SUSTENTABILIDADE. São Paulo: Abril, 2009.

Lester Brown, pensador ambiental e presidente da Earth Policy Institute. Disponível em <<http://www.rts.org.br/entrevistas/lester-brown-pensador-ambiental-e-presidente-da-earth-policy-institute>>. Acesso em 02 mar.2009.

PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente). Cartilha Tu planeta te necessita – Dia Mundial de Médio Ambiente – 2009. Disponível em <<http://www.unep.org/wed/2009/spanish/>>. Acesso em 20 jun.2009.

RIBEIRO, M.S. **Contabilidade e Meio Ambiente**. Dissertação de Mestrado. São Paulo:FIPECAFI/USP, 1992.



Volume de alimentos desperdiçados no país alimentaria 35 milhões de pessoas.

Disponível em <<http://www.ecodebate.com.br/2009/01/23/volume-de-alimentos-desperdicados-no-pais-alimentaria-35-milhoes-de-pessoas/>>. Acesso em 14 jun. 2009.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552009000500004&script=sci_arttext. Acesso em 02 jan. 2010.

Disponível em: <http://www.cebds.org.br/cebds/eco-rbe-coeficiencia.asp>. Acesso em 05 jan.2010.